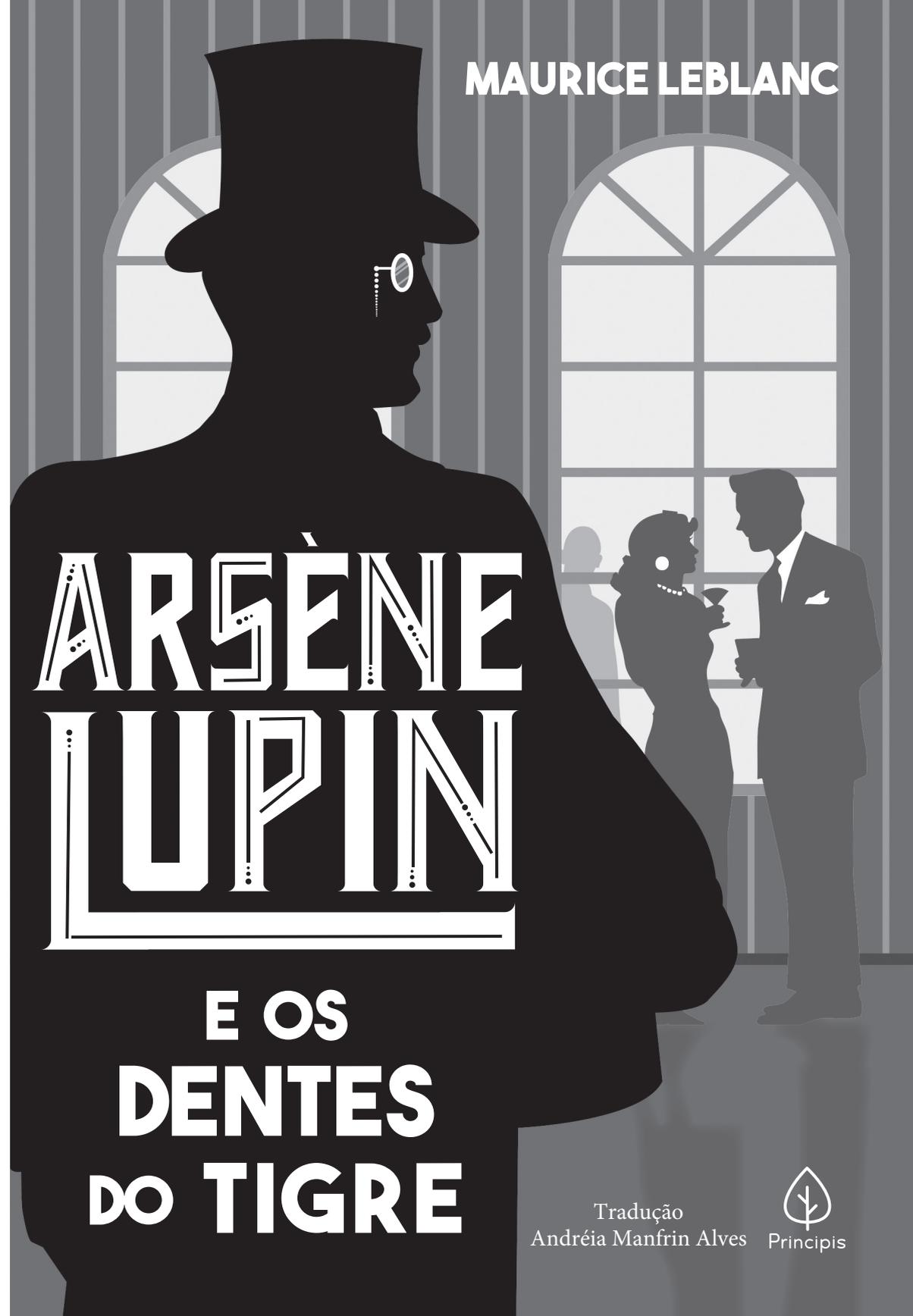


ARGÈNE
LUPIN



MAURICE LEBLANC



ARSÈNE
LUPIN

E OS
DENTES
DO TIGRE

Tradução
Andréia Manfrin Alves



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
Les dents du tigre

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Maurice Leblanc

Design de capa
Ciranda Cultural

Tradução
Andréia Manfrin Alves

Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;

Revisão
Cleusa S. Quadros

Irina Solatges/shutterstock.com;
Feliks Kogan/shutterstock.com;
Ola-ola/shutterstock.com;

Diagramação
Linea Editora

NadzeyaShanchuk/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a	Leblanc, Maurice
	Arsène Lupin e os dentes do tigre / Maurice Leblanc ; traduzido por Andréia Manfrin Alves. – Jandira, SP : Principis, 2021. 416 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin)
	Tradução de: Les dents du tigre ISBN: 978-65-5552-524-3
	1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Alves, Andréia Manfrin. II. Título. III. Série.
2021-1967	CDD 843 CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2021

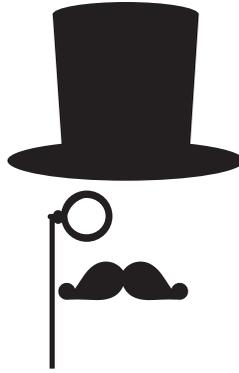
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

D'artagnan, Porthos e Monte Cristo	7
O homem que deve morrer.....	35
A turquesa morta.....	71
A cortina de ferro	99
O homem com a bengala de ébano.....	117
Shakespeare, volume oito	139
O celeiro dos enforcados	159
A ira de Lupin	174
Sauverand se explica	190
A debandada	211
Socorro!	225
A explosão no boulevard Suchet	241
O que odeia	259
O herdeiro dos duzentos milhões	281
Weber se vinga	303
Abre-te, Sésamo!.....	323
Arsène I, imperador	342
“A armadilha está pronta. Tome cuidado, Lupin”	359
O segredo de Florence	379
A redoma de lupinos.....	402



D'ARTAGNAN, PORTHOS E MONTE CRISTO

Às quatro e meia, o senhor Desmalions, comandante-geral, ainda não tinha voltado. Seu secretário particular colocou sobre a mesa um pacote de cartas e relatórios que tinha listado, tocou a campainha e disse ao escrivão que entrava pela porta principal:

– O comandante-geral convocou para as cinco horas várias pessoas cujos nomes estão listados aqui. Faça-os aguardar separadamente, para que não possam se comunicar uns com os outros, e entregue-me seus cartões.

O escrivão se retirou. O secretário seguia para a pequena porta que dava acesso ao seu gabinete quando a porta principal foi reaberta e deu passagem a um homem que parou e se apoiou, trêmulo, no encosto de uma poltrona.

– Ah, senhor Vérot? – disse o secretário. – O que aconteceu? O que o senhor tem?

O inspetor Vérot era um homem corpulento, ombros fortes, espalhafatoso. Alguma emoção violenta devia perturbá-lo, pois seu rosto, normalmente corado, estava bastante pálido.

– Não é nada, senhor secretário.

– Mas o senhor não parece estar nada bem, está pálido e molhado de suor...

O inspetor Vérot limpou a testa e se recompôs:

– Estou cansado. Tenho trabalhado demais ultimamente. Queria resolver a todo custo um caso que o comandante-geral me confiou. Mas de fato é estranho o que estou sentindo.

– Quer um cordial?

– Não, obrigado, não estou com sede.

– Um copo d'água?

– Não... não...

– Alguma outra coisa?

– Eu gostaria... gostaria de... – a voz estava embargada. Ele olhou ansiosamente, como se de repente não conseguisse pronunciar outras palavras. Mas, recuperando o controle da situação:

– O senhor comandante-geral não está?

– Não, ele só chegará às cinco horas para uma reunião importante.

– Sim, eu sei, muito importante. Também fui convocado. Mas eu gostaria de falar com ele antes. Eu precisava tanto falar com ele!

O secretário examinou Vérot e disse:

– Como o senhor está agitado! Essa conversa é tão importante assim?

– É bem importante. Trata-se de um crime que ocorreu há exatamente um mês. E trata-se, sobretudo, de evitar dois assassinatos que são consequência desse crime e que devem acontecer esta noite. Sim, esta noite, fatalmente, se não tomarmos as devidas providências.

– Vejamos. Sente-se, senhor Vérot.

– Ah! Tudo isso foi combinado de uma maneira tão diabólica! Não, ninguém é capaz de imaginar...

– Mas se o senhor foi avisado, senhor Vérot, o senhor comandante-geral lhe dará carta branca...

– É óbvio que sim, mas é assustador pensar que eu poderia não encontrá-lo. Então tive a ideia de escrever esta carta na qual conto tudo o que sei sobre o caso. É mais prudente.

Ele entregou um grande envelope amarelo ao secretário e acrescentou:

– Também vou deixar esta pequena caixa sobre a mesa. Ela contém algo que serve de complemento e de explicação ao conteúdo da carta.

– Mas por que o senhor não fica com tudo isso?

– Tenho medo. Estou sendo vigiado. Estão tentando se livrar de mim... Não vou ficar tranquilo até não ser mais o único a saber do segredo.

– Não tenha medo, senhor Vérot. O comandante-geral chegará em breve. Até lá, aconselho o senhor a ir à enfermaria e pedir um cordial.

O inspetor parecia indeciso. Mais uma vez, secou a testa molhada de suor. Depois se recompôs e saiu.

Uma vez sozinho, o secretário colocou a carta em uma pasta volumosa aberta sobre a mesa do comandante-geral e saiu pela porta que comunicava com seu gabinete privado.

Ele mal tinha fechado a porta da antecâmara e ela logo foi reaberta pelo inspetor, que voltou gaguejando:

– Senhor secretário, é melhor eu lhe mostrar...

O infeliz estava pálido. Seus dentes tiritavam. Quando ele percebeu que a sala estava vazia, quis caminhar até o gabinete do secretário, mas foi tomado por uma fraqueza e desabou sobre uma cadeira onde permaneceu sentado por alguns minutos, destruído, com a voz trêmula.

– O que é que eu tenho? Será que também fui envenenado? Oh! Estou com medo. Estou com medo...

A mesa do escritório estava ao seu alcance. Ele pegou um lápis, puxou um bloco de anotações e começou a rabiscar algumas palavras, mas balbuciou:

– Não, não adianta, pois o comandante-geral vai ler minha carta... O que será que eu tenho? Oh! Estou com medo...

De repente ele se levantou e articulou:

– Senhor secretário, é preciso... é preciso que... Ainda esta noite... Nada no mundo poderá impedir...

Caminhando devagar, como um autômato, fazendo um esforço descomunal, ele avançou em direção à porta do gabinete. Mas, no meio do caminho, ele vacilou e precisou se sentar novamente.

Um pavor tomou conta dele, mas ele soltou gritos tão fracos que ninguém conseguiu ouvi-lo. Ele percebeu que ninguém o ouvia e procurou com os olhos por uma campainha, uma sineta, mas sua visão também estava comprometida. Um véu de sombra parecia pesar sobre seus olhos.

Ele caiu de joelhos, se arrastou até a parede tateando tudo com as mãos, como um cego, e conseguiu encontrar um revestimento de madeira. Era a parede que dividia os dois escritórios. Ele continuou se rastejando. Infelizmente, seu cérebro confuso só lhe apresentava uma imagem enganosa da sala e, em vez de virar à esquerda, como deveria ter feito, ele seguiu para a direita, para trás de um biombo que escondia uma pequena porta.

Sua mão encontrou a maçaneta dessa porta e ele conseguiu abrir. Ele balbuciou: “Socorro, socorro” e desabou em uma espécie de cubículo que servia de banheiro para o comandante-geral.

– Esta noite! – ele gemia, acreditando que alguém o ouvia e que estava no gabinete do secretário. – Esta noite, o crime acontecerá esta noite. Os senhores verão... a marca dos dentes... o horror! Como estou sofrendo! Socorro! Fui envenenado... Alguém me ajude!

A voz se extinguiu. Ele repetiu diversas vezes, como em um pesadelo:

– Os dentes... os dentes brancos... eles estão se fechando!

Depois a voz enfraqueceu novamente e sons indistinguíveis saíram de seus lábios trêmulos. Sua boca parecia mastigar no vazio, como fazem os velhos que ruminam incessantemente. A cabeça se inclinou lentamente sobre o peito. Ele suspirou duas ou três vezes, foi sacudido por um grande arrepio e não se mexeu mais.

E o estertor da morte começou, muito baixo, em um ritmo uniforme, com interrupções em que um supremo esforço do instinto parecia reanimar

o sopro vacilante da mente e faiscar os olhos apagados como rápidos lampejos de consciência.

Às dez para as cinco, o comandante-geral entrou em seu escritório.

O senhor Desmalions, que mantinha seu cargo há alguns anos com uma autoridade à qual todos se curvavam, era um homem de cinquenta anos, de aparência bruta, mas inteligente e bela figura. Seus trajes – casaco e calças cinzas, grevas brancas, gravata – não tinham nada de uma vestimenta de funcionário público. Seus modos eram desenvoltos, cheios de simplicidade e de naturalidade.

A um sinal, ele logo se viu na companhia de seu secretário, a quem perguntou:

– As pessoas que convoquei já chegaram?

– Sim, senhor comandante, e já dei ordem para que todas aguardem em salas separadas.

– Oh! Não haveria nenhum inconveniente se elas quisessem conversar entre si. No entanto... é melhor assim. Espero que o embaixador dos Estados Unidos não tenha se incomodado...

– Não, senhor comandante.

– O senhor tem os cartões deles?

– Aqui estão.

O comandante-geral pegou os cinco cartões e leu:

AR CHIBALD BRIGHT, *primeiro-secretário da embaixada dos Estados Unidos.*

SENHOR LEPERTUIS, *notário.*

JUAN CACÉRÈS, *adido da embaixada do Peru.*

COMANDANTE CONDE D'ASTRIGNAC, *aposentado.*

O quinto cartão trazia simplesmente um nome, sem endereço ou qualquer outra designação:

DOM LUÍS PERENNA.

– Esse eu gostaria muito de ver – disse o senhor Desmalions. – Ele me interessa imensamente! O senhor leu o relatório da Legião Estrangeira?

– Sim, senhor comandante, e confesso que esse senhor também me intriga muito...

– Não é mesmo? Que coragem! Uma espécie de herói louco e realmente prodigioso. E também esse apelido de Arsène Lupin, que seus amigos lhe deram de tanto que ele os dominava e surpreendia! Já faz quanto tempo que Arsène Lupin morreu?

– Dois anos antes da guerra, senhor comandante. Seu cadáver foi encontrado junto com o da senhora Kesselbach sob os escombros de um pequeno chalé incendiado, perto da fronteira com Luxemburgo. As investigações provaram que ele havia estrangulado a monstruosa senhora Kesselbach, cujos crimes foram descobertos na sequência, e que logo em seguida ele colocou fogo no chalé e se enforcou.

– Esse maldito personagem teve o fim que mereceu – disse o senhor Desmalions –, e admito que, de minha parte, prefiro não ter que combatê-lo. Vejamos, onde paramos? O dossiê de herança de Mornington está pronto?

– Está em cima da sua mesa, senhor comandante.

– Muito bem. Eu já estava esquecendo, o inspetor Vérot já chegou?

– Sim, senhor comandante, ele deve estar na enfermaria se recuperando.

– O que ele tem?

– Ele estava estranho, parecia bem doente.

– Como? Explique melhor...

O secretário contou sobre a conversa que teve com o inspetor Vérot.

– E o senhor está dizendo que ele me deixou uma carta? – questionou o senhor Desmalions com um ar desconfiado. – Onde ela está?

– Está na pasta, senhor comandante.

– Estranho, tudo isso é muito estranho. Vérot é um inspetor de primeira linha, muito ponderado, e se ele está preocupado, não é à toa. Então, por favor, traga-o até mim. Enquanto isso, vou verificar a correspondência.

O secretário se retirou rapidamente. Quando voltou, cinco minutos depois, anunciou, com um ar de surpresa, que não havia encontrado o inspetor Vérot.

– E o mais curioso, senhor comandante, é que o escrivão o viu sair daqui e retornar logo em seguida, mas não o viu sair uma segunda vez.

– Talvez ele só tenha atravessado esta sala para chegar ao seu gabinete.

– No meu gabinete, senhor comandante? Mas eu não saí de lá.

– Então é incompreensível...

– Incompreensível... a não ser que o escrivão tenha tido um momento de distração, uma vez que o senhor Vérot não está nem aqui nem na sala ao lado.

– Evidentemente. Decerto ele saiu para tomar um pouco de ar e logo estará de volta. Além disso, não preciso que ele esteja presente no início da reunião.

O comandante-geral consultou o relógio.

– Cinco e dez. Peça para o escrivão convidar aqueles senhores a entrar... Ah! Não obstante...

O senhor Desmalions hesitou. Mexendo na pasta, ele havia encontrado a carta do senhor Vérot. Era um grande envelope comercial amarelo. No canto estava escrito: “Café do Pont-Neuf”.

O secretário sugeriu:

– Considerando a ausência do senhor Vérot e o que ele me disse, acredito, senhor comandante, que seja urgente tomar conhecimento do conteúdo dessa carta.

O senhor Desmalions ficou pensativo.

– Sim, talvez o senhor tenha razão.

Então, tomando uma decisão, ele cortou a parte de cima do envelope com um estilete. Um grito lhe escapou:

– Ah! Essa é boa.

– O que aconteceu, senhor comandante?

– O que aconteceu? Veja... uma folha de papel em branco... Isso é tudo o que este envelope contém.

– Impossível!

– Olhe você mesmo... uma simples folha dobrada em quatro... Nenhuma palavra escrita.

– Entretanto, Vérot me disse claramente que colocou dentro do envelope tudo o que sabia sobre o caso...

– Ele pode ter dito isso, mas o senhor está vendo bem que não tem nada aqui. Realmente, se eu não conhecesse o inspetor Vérot, acreditaria que ele tentou me pregar uma peça...

– Acredito, no máximo, em uma distração da parte dele, senhor comandante.

– Certamente uma distração, mas que me surpreende muito. Não há distração quando se trata da vida de duas pessoas. Pois imagino que ele o tenha avisado de que um duplo homicídio está sendo planejado para esta noite?

– Sim, senhor comandante, para esta noite, e em condições particularmente assustadoras... diabólicas, ele me disse.

O senhor Desmalions caminhou pela sala com as mãos nas costas e parou diante de uma pequena mesa.

– Que pacote é este endereçado a mim?

Senhor comandante-geral. Abrir em caso de acidente.

– De fato – disse o secretário –, eu não me lembrava disso... Também é do inspetor Vérot, uma coisa importante segundo ele, e que serve de complemento e explicação ao conteúdo da carta.

– Bem – disse o senhor Desmalions, que não pôde deixar de sorrir –, a carta precisa de uma explicação e, embora não se trate de um acidente, não hesitarei.

Enquanto falava, ele tinha cortado um barbante e descoberto, sob o papel que a embrulhava, uma caixa, uma pequena caixa de papelão como as que os farmacêuticos usam, mas aquela estava suja, danificada pelo uso que tinham feito dela.

Ele levantou a tampa.

Dentro da caixa havia chumaços de algodão igualmente sujos, e no meio deles, metade de uma barra de chocolate.

– Que diabos isso quer dizer? – resmungou o comandante-geral, espantado.

Ele pegou o chocolate, analisou, e seu exame imediatamente mostrou que o tablete, de uma matéria um pouco mole, tinha algo de especial, e certamente era aquela a razão pela qual o inspetor Vérot o havia conservado. Em cima e embaixo, havia marcas de dentes muito claramente desenhadas, afundadas dois ou três milímetros dentro da barra de chocolate, cada uma com forma e largura diferentes e separadas umas das outras por distâncias também diferentes. O maxilar que tinha começado a mastigar o tablete tinha incrustado quatro dos seus dentes superiores e cinco dos seus dentes inferiores.

O senhor Desmalions permaneceu pensativo e, com a cabeça baixa, retomou por alguns minutos sua caminhada de um lado para o outro, murmurando:

– Estranho! Há um enigma aqui que eu gostaria muito de desvendar... Esta folha de papel, estas marcas de dentes, o que tudo isso significa?

Mas, uma vez que ele não era um homem de se deter por muito tempo em um enigma cuja solução lhe seria revelada de um momento a outro, uma vez que o inspetor Vérot se encontrava na chefatura de polícia, ou nas proximidades, ele disse a seu secretário:

– Não posso deixar aqueles senhores esperando por muito mais tempo. Por favor, peça para eles entrarem. Se o inspetor Vérot chegar durante a reunião, o que parece ser inevitável, avise-me imediatamente. Mal posso esperar para vê-lo. Exceto por isso, que eu não seja incomodado sob nenhum pretexto, entendido?

Dois minutos depois, o escrivão fez entrar o senhor Lepertuis, um homem grande e rubicundo, de óculos e suíças, e também o secretário da embaixada, Archibald Bright, e o adido peruano Cacérés. O senhor